

A CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES BRASILEIROS COMO FONTE DE PESQUISA PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS E HISTÓRICOS

CARLOS EDUARDO BEZERRA*
TELMA MACIEL DA SILVA**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar alguns procedimentos no tratamento das cartas como fonte de pesquisa nas áreas dos estudos literários e históricos. Serviu-nos de fonte a correspondência dos escritores modernistas brasileiros Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas, fonte de pesquisa, Modernismo.

ABSTRACT

This paper is aimed at showing some procedures in the handling of letters as a research source in the areas of literary and historical studies. Letters between the Brazilian modernist writers Mário de Andrade and Manuel Bandeira served as the source for this study.

KEYWORDS: Letters, research source, Modernism.

INTRODUÇÃO

No campo dos estudos literários e dos estudos históricos brasileiros, o uso da correspondência de escritores como fonte de pesquisa, notadamente as cartas, está em desenvolvimento. Em universidades no país, dissertações e teses são escritas tendo como fontes de pesquisa as cartas, o que resulta em uma bibliografia crescente a esse respeito. Ao nosso ver, nesses campos do conhecimento as cartas têm a função de mostrar que a produção do texto literário e de outros textos é, assim como a própria carta, uma partilha, como a definiu Philippe Lejeune (1998, p. 98).

A carta é uma partilha não somente porque ela pertence a dois sujeitos, mas porque envolve sempre vários correspondentes indiretos,

* Doutor em Letras pela Unesp/Assis. Graduado em História pela UFC. Sócio da ANPUH/CE.

** Doutora em Letras pela Unesp/Assis. Professora de Teoria Literária e Literatura Infanto-Juvenil da UEL.

no momento mesmo de sua escrita. Esses correspondentes são nomeados diretamente, outros são insinuados, porém todos configuram uma rede de relacionamentos em que a carta é, muitas vezes, o único registro. A partir das propostas de Hans Robert Jauss, sempre se pensou em um outro sujeito ligado à escrita: o leitor. Somente aos poucos, com os trabalhos de historiadores como Roger Chartier e Robert Darnton, que lidam com a literatura e a leitura, se começou a pensar nos chamados sujeitos intermediários da literatura, aos quais parece que podemos ligar os correspondentes de cartas, em especial quando um deles é também escritor de literatura de ficção.

Assim, a carta pertence também aos que partilham dela como fonte de pesquisa. Infelizmente, ainda não há uma sistematização – ou pelo menos indicação – de procedimentos para formar pesquisadores no trato específico dessa fonte. Neste artigo, apresentamos alguns procedimentos e observações no tratamento da correspondência de escritores como fonte de pesquisa que podem servir aos estudiosos da literatura e aos historiadores que venham a usar as cartas como fonte. Os procedimentos apresentados surgiram da nossa experiência em lidar com as cartas em nossa formação acadêmica.

Para definir esses procedimentos, serviu de base a correspondência dos escritores modernistas brasileiros Mário de Andrade e Manuel Bandeira, que constitui um importante conjunto epistolográfico nacional. Todos os exemplos citados foram retirados da edição de cartas organizada pelo Professor Doutor Marcos Antonio de Moraes, como consta na bibliografia consultada deste artigo. Os leitores e pesquisadores podem acrescentar aos procedimentos aqui apresentados outros tantos que, certamente, surgirão à medida que se detiverem em conjuntos epistolográficos específicos escolhidos como fontes de pesquisa. Desejamos que a leitura seja prazerosa e produtiva.

2 – ALGUNS PROCEDIMENTOS NO TRATAMENTO DA CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES COMO FONTE DE PESQUISA NA ÁREA DOS ESTUDOS LITERÁRIOS E HISTÓRICOS

a) A origem da correspondência

No tratamento das cartas como fonte de pesquisa, é sempre importante buscar conhecer como se deu o início da troca epistolar, ou seja, qual a origem do processo de troca de informação mediado por cartas ou demais formas de correspondência, que podem ser cartões-postais, telegramas, bilhetes. Nos dias atuais, o pesquisador não deve descuidar da possibilidade de pesquisar os diversos recursos

disponíveis na Internet, notadamente o *e-mail*.

O processo da correspondência pode se dar por motivos profissionais, artísticos, políticos, etc. ou mesmo por afinidades íntimas. No caso aqui analisado, a correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira teve início antes da Semana de Arte Moderna de 1922. A esse respeito afirmou Marcos Antônio de Moraes, pesquisador da epistolografia do escritor paulista:

Os protagonistas desta correspondência, o escritor paulista Mário de Andrade (1893–1945) e o poeta pernambucano Manuel Bandeira (1886–1968) encontraram-se em 1921, no Rio de Janeiro, em casa do poeta Ronald de Carvalho, na Rua Humaitá, 64. Nesse momento, Mário tinha se deslocado para a antiga capital da República a fim de divulgar o poema “Cenas de crianças” e os versos de *Paulicéia desvairada*, ainda em manuscrito. Tencionava arregimentar adeptos modernistas entre os escritores cariocas. “Exigiu”, então, a presença de Bandeira, cujos poemas de *Carnaval* descobriu através de Guilherme de Almeida em “uma nunca esquecida tarde de domingo”, numa viagem de táxi. Mário queria conhecê-lo “fisicamente”, não por “curiosidade”. “Foi para *um reconhecimento*”, diria em carta de 1923, explicando-se: “Emprego a palavra com a sutileza dos poetas japoneses nos seus haicais. Com todas as significações e associações que ela desperta. E daí em diante esse reconhecimento não cessou de aumentar, florir, frutificar” (2009, p. 2).

Moraes afirma ainda: “A troca de cartas começa por iniciativa de Bandeira, em maio de 1922, depois da Semana de Arte Moderna, quando oferece a Mário de Andrade um exemplar de *Carnaval*, editado em 1919” (2000, p. 2). E continua o pesquisador: “A partir daí as páginas dessas cartas testemunham a história da amizade entre duas figuras de proa do modernismo brasileiro” (id., *ibid.*).

Assim, vemos que a correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira está ligada pelo interesse literário, notadamente o estabelecimento de novos parâmetros estéticos na literatura brasileira que foi identificado como Modernismo. Assim, as cartas, além de possibilitar um conhecimento dos assuntos referentes a essa estética e sua implantação no Brasil, possibilita-nos conhecer os bastidores dessa implantação. Dizemos bastidores porque, devido ao direito de privacidade, os autores e correspondentes podiam tratar abertamente de conflitos e demais circunstâncias que vivenciaram no período. Além disso, as cartas constituem uma espécie de memória da época que acreditamos ser necessário conhecer no âmbito dos estudos literários e históricos, pois se mostram como fontes importantes para a história cultural ou para a história social da cultura, não deixando, no entanto, de

servir à história política, uma vez que muitos desses intelectuais ocuparam cargos públicos e políticos.

b) Os correspondentes

Além de conhecer a origem da correspondência, cabe ao pesquisador buscar descortinar os sujeitos nela envolvidos. Eles podem ser definidos em dois grupos:

1. Os envolvidos diretamente – são os missivistas ou aqueles que se carteam e no cartear-se assumem os papéis de remetente e destinatário.
2. Os envolvidos indiretamente – são aqueles citados ao longo do conjunto das cartas e que podem variar conforme o período ou o assunto tratado pelos missivistas.

Conhecer esses sujeitos permite ao pesquisador traçar um quadro mais amplo das relações estabelecidas entre eles e, desse modo, perceber a carta como parte de uma rede de contatos. No caso específico por nós abordado, os envolvidos diretamente no conjunto de cartas que analisamos nesta primeira parte são os escritores Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Os envolvidos indiretamente no conjunto epistográfico são inúmeros. Deles fazem parte não somente escritores, mas também músicos, artistas plásticos e outros sujeitos que, de algum modo, participam do dia-a-dia de Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

Esses dois nomes apontam para nós situações espaciais e temporais que devem ser conhecidas, como, por exemplo, a origem dos escritores, a filiação estética, as suas relações com outros escritores, etc. Não nos deteremos, aqui, em traçar esses dados, uma vez que podem ser encontrados em diversos livros. O que nos interessa neste procedimento é buscar conhecer como essas informações também aparecem nas cartas, uma vez que, a princípio, elas fazem parte de um circuito privado, permitindo, assim, aos autores a apresentação dessas informações ao seu modo. Esse fato estabelece uma outra ponte possível: a da carta com biografia ou autobiografia, uma vez que o circuito privado, pessoal e íntimo da carta permite aos autores falarem de si mesmos resguardados pelo direito à privacidade.

Segundo Marcos Antônio de Moraes, “A correspondência de escritores abre-se, normalmente, para três fecundos campos de pesquisa” (2009, p. 2), um dos quais seria justamente o das “expressões testemunhais”. A esse respeito afirmou Moraes:

Pode-se, inicialmente, recuperar nas missivas a expressão testemunhal. Ações, confidências, julgamentos e impressões espalhados pela

correspondência de um escritor evidenciam uma psicologia singular que, eventualmente, desdobra-se na criação literária. É, assim, território fértil para estudos biográficos, biografias intelectuais e perfis, dirigidos a ampla (e diversificada) gama de leitores. Entretanto, na (auto)biografia desenhada no tecido epistolar pululam contradições. A carta atualiza-se invariavelmente como *persona* e discurso narcísico; a “verdade” que enuncia – a do sujeito em determinada ocasião, movido por estratégias de sedução – é datada e cambiante (2009, p. 2-3).

Assim, as cartas permitem aos seus leitores e pesquisadores conhecer um “retrato de autor”, que fontes mais usuais não lhe permitiriam conhecer. Esse retrato é um compósito formado ao longo da carteação. Um retrato feito pelo autor e seu correspondente, seja reafirmando ou contestando uma determinada imagem. Não se trata somente de um retrato momentâneo, mas de um conjunto de imagens que formariam uma espécie de retrato maior ou uma imagem de conjunto que não é o autor, mas um autor entre tantos quantos for possível ele registrar, à medida que esse sujeito varia conforme o seu correspondente. Ainda que uma mesma carta seja enviada para mais de um correspondente, sempre haverá pequenas modificações a fazer, e é nesse refazer da carta primeira que um novo retrato de autor se mostra.

A busca de conhecer esse retrato compósito permite ao pesquisador conhecer o processo de formação do autor e do seu nome de autor, que não se confunde com o seu nome de batismo, mas corresponde a um nome histórico por escolha sua ou dos seus pares. Esse retrato e nome de autor é formado em um período que pode durar o período de troca de cartas com um ou com diversos correspondentes. Assim, no tópico seguinte analisamos o período da correspondência como um dos procedimentos que destacamos neste artigo.

c) O período de correspondência

O levantamento do período da correspondência permite ao pesquisador um conhecimento do conjunto epistolar específico submetido à variante tempo. É importante observar se há interrupções no período e procurar identificar os motivos, que podem ser das mais diversas ordens. Em alguns casos estão ligados à vida pessoal dos correspondentes, motivados por viagens, trabalho, doenças, etc. Em outros são motivados pelas circunstâncias históricas e sociais, como, por exemplo, a censura ou até mesmo a prisão dos correspondentes, etc.

No caso da correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, o período compreende os anos de 1922 a 1944. O fim da correspondência se deu somente com a morte do escritor paulista – não

sofreu interrupções durante o período referido. Em alguns anos, o número de cartas variou conforme as circunstâncias, sobretudo pessoais, dos correspondentes. A carta aparece, desse modo, vinculada a diversos contextos: histórico, social, cultural, econômico e pessoal.

O pesquisador deve conhecer esses contextos previamente e procurar conhecer a representação destes no conjunto epistolográfico selecionado. Nesse caso, por representação compreendemos um modo de dizer, de narrar os fatos, sejam os fatos da vida pessoal, sejam os fatos que consideramos como da vida social, política, cultural em que os sujeitos estejam envolvidos direta ou indiretamente. Nesse modo de dizer está incluso o trabalho com a linguagem, sobretudo no caso de escritores, e deve ser considerado também na composição daquele retrato de autor, portanto esses procedimentos não são procedimentos estanques, mas combinam-se. A esse procedimento juntamos um outro: a análise da materialidade das cartas.

d) A materialidade das cartas

O pesquisador deve considerar também como de capital importância, no trato da correspondência como fonte, a materialidade das cartas, isto é, a “corporalidade” do objeto que reconhecemos como carta ou outro tipo de correspondência. Desde o tamanho das cartas, o tipo de papel, o tipo de envelope, a tinta. Todos esses elementos da materialidade das cartas dizem respeito às circunstâncias de sua produção e também às circunstâncias de vida dos correspondentes. Trata-se de uma dimensão que não deve ser desconsiderada. Ela requer que o pesquisador esteja atento a detalhes e lhe impõe um trabalho de descrição importante, seja das cartas, seja das condições em que ele as encontrou depositadas em arquivos pessoais. Esse trabalho descritivo constitui o que chamamos de inventário descritivo da correspondência, que ajuda os pesquisadores a conhecer melhor o conjunto epistolográfico pesquisado. Esse inventário descritivo é feito, geralmente, pelo primeiro pesquisador que se ocupa da organização do conjunto epistolográfico, sobretudo quando esse conjunto pertencia aos herdeiros dos autores e passou para a guarda de instituições públicas.

Nesse inventário não pode faltar o registro das dimensões das cartas, ou melhor, a medida de cada folha utilizada para a escrita, que pode variar, bem como a presença de furos de grampeador, marcas de objetos, de digitais, borrões de tinta, etc. Esse registro é depositário de um conjunto de elementos observados durante a leitura e o manuseio das cartas, que devem ser feitos com cuidado e usando os materiais exigidos por cada instituto ou arquivo onde estejam depositadas.

Aconselhamos, tanto para a preservação das cartas como para a preservação da saúde do pesquisador, o uso de luvas, máscara e touca para os cabelos, de modo a evitar infecções orais e cutâneas no manuseio do material.

Voltando à materialidade das cartas, no caso aqui analisado, encontramos em carta de Manuel Bandeira, com data de 13 de novembro de 1926, a seguinte afirmação a respeito do tipo de papel que o poeta utilizara para escrevê-la. Lemos: “Imagine que o meu bloco acabou e eu estou sem papel em casa. Por isso lancei mão do papel em que veio embrulhado o meu pão! É que não quero demorar resposta à sua carta de ontem” (apud MORAES, 2001, p. 326).

A respeito da tinta, encontramos em carta de Manuel Bandeira de 3 de setembro de 1927 o seguinte: “Puxa! Que fita você arranjou pra sua máquina, suja a gente todo!” (apud MORAES, 2001, p. 354). Mário de Andrade não deixou por menos, respondendo ao colega em carta de 4 de outubro de 1927: “Cuidado que a fita da máquina continua a mesma e suja a mão da gente. Imagine que atualmente estou devendo seis contos e tanto!...” (id., *ibid.*).

Fatos supostamente simples como estes, porém merecedores da observação dos correspondentes, levam o pesquisador de cartas a dois caminhos: o primeiro seria o dos materiais de escrita, tanto do ponto de vista das condições materiais de produção da literatura, como da existência de uma tecnologia da escrita. O segundo seria o das condições em que vivia o escritor. Observar esses fatos e suas recorrências nos levam a compreender como a literatura brasileira foi escrita, uma vez que as condições de produção das cartas eram as mesmas da literatura.

O pesquisador deve considerar também o tipo de carta quanto à escrita, que pode ser dividida em, no mínimo, três categorias: a primeira, a carta manuscrita, grafada com caneta tinteiro ou esferográfica; a segunda, a carta dactiloscrita, produzida, portanto, em máquina de escrever. Dessas duas categorias, surge uma terceira, híbrida, pois compreende aquelas cartas escritas à mão e à máquina, o que normalmente indica mais de um momento de produção da missiva. Nesse caso, há uma particularidade envolvendo a correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, que diz respeito à máquina de escrever usada por Mário. A esse respeito lemos:

Manuel do coração,

Comunico que comprei uma máquina. Se você estivesse aqui era um abraço pela certa, tanto que estou contente. Já se sabe: pelo processo amável das prestações. Engraçado, por enquanto me sinto todo

atrapalhado de escrever diretamente nela. A idéia foge com o barulhinho, me assusto, perdi o contato com a idéia. Isso: perdi o contato com ela. Não apalpo ela. Mas isso passa logo, tenho a certeza e agora é que você vai receber cartas bonitas de mim. Afinal: Deus é mesmo muito bom pra mim. Porque essa história de “compro-não-compro: compro” me deu uma comoção e um interesse pra estes dias todos. Por isso não pude pensar muito nesse escandalinho Prudente-Ronald. Senão ele muito me havia de contrariar, tenho a certeza. E agora já sabe: quinze minutos que seja de descanso, estou na frente da Manuela batendo tipo sem parar. Manuela é o nome da máquina, por causa de você. Inventei agorinha mesmo isso. Não refleti nem nada: ficou Manuela. Assim a homenagem saiu bem do coração (ANDRADE, apud MORAES, 2001, p. 200-201).

Ao que Manuel Bandeira responde em carta de 6 de maio de 1925: “Meus parabéns pela máquina! Eu também estou pra receber uma, marca Érika, último modelo. Retribuindo a homenagem, vou chamá-la... como mesmo? Mariana ou Maroquinhas? Você é o padrinho, escolha” (apud MORAES, 2001, p. 204). Mário de Andrade voltou ao assunto, em carta de 11 de maio de 1925, em que lemos:

Vou aproveitar melhor pra ver se converso um pouco com você. Quanto ao nome da sua máquina-de-escrever, nesse caso o diminutivo fica mal. Faça que nem eu, arranje um nome grandão, Mariona, por exemplo. Tenho um fraco pela palavra Mariona. Não sei se é por causa da criada de minha tia que, cá pra nós, vale bem a pena. Porém, refletindo bem, me parece que não é. Eu bem sei dessa historiada orgulhosa de que o homem domina a maquinaria, criaturas dele. Minha impressão é diversa. Sem ter o preconceito moderno da máquina, vejo bem tudo o que ela organiza a vida do homem e o transforma. Eu, que lido muito pouco com máquinas, me sinto dominado por elas. A minha máquina-de-escrever me domina, é mais grande, é mais forte do que eu. Por isso que botei Manuela e não Manuelina ou portugamente Manuelinha. Ela me dá a sensação de que tenho junto de mim uma grande mulher bondosa, ticianesca de tão grande que é, porém ticianescamente boa também. Me serve, me ajuda, me facilita sempre, cuidadosa de mim, com uma paciência! Você nem imagina a paciência que ela tem comigo. O mais engraçado é que, embora de vez em quando ela tenha seus engasgamentos, não tenho a romântica impressão dum capricho feminino ou de outras coisas proustianamente assim, não. Quando ela se engasga, boto a culpa na fatalidade, na deficiência dos homens que não sabem ainda criar máquinas infalíveis. Minha máquina é só boa pra mim (apud MORAES, 2001, p. 210).

Tratar dos objetos de escrita faz com que a pensemos como uma atividade histórica, mediada pelos objetos que possibilitam a sua

produção. Pela leitura dos excertos, podemos concluir que, a princípio, Mário de Andrade não escrevia a máquina, talvez a caneta, que permitia um contato mais íntimo com a superfície do papel, como que fixando de forma manuscrita suas idéias. Não nos parece por acaso, portanto, que Mário diga que perdia as idéias ao escrever diretamente na sua Manuela. O ato de nomear a máquina é, possivelmente, uma outra forma de diminuir o estranhamento provocado pelo fato de lidar com ela. Esses exemplos deixam claro, portanto, que muitas vezes os autores trazem para as suas cartas e também para as suas obras a relação que estabelecem com os seus objetos de escrita.

e) Os anexos

Assim como hoje temos o hábito de anexar arquivos nos *e-mails* que escrevemos e enviamos, o mesmo se dava com as cartas. Não raro, juntamente com as cartas, eram enviadas fotografias, artigos recortados de jornais e revistas, livros, etc.

Nas cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira há sempre um pedido para que um envie uma foto ao outro, o que pode significar uma necessidade de ver o correspondente, ainda que ambos se conhecessem, pois já haviam se encontrado no Rio de Janeiro. Assim, além de se ler precisavam se ver – o que, aliás, é muito usual nos ambientes de redes de relacionamento como Orkut e Facebook, isso para usarmos um exemplo dos dias de hoje. Além da necessidade pessoal dos correspondentes, a fotografia e, mais especificamente o retrato, era também usado para divulgar a obra dos autores.

Como afirmamos anteriormente, juntamente com as cartas eram enviados livros, o que podemos constatar numa carta de 25 de maio de 1922:

Mando-lhe alguns exemplares do *Carnaval* a serem distribuídos aí entre pessoas de mau gosto e boa inteligência, capazes de sentir que aquelas rimas bonitas são pura ironia e o “Debussy” – laboriosa e voluptuosa manipulação de alquimia subjetiva, com incalculável arsenal de subentendidos imponderáveis. Vai um exemplar com o meu nome e a minha admiração afetuosa para você (BANDEIRA, apud MORAES, 2001, p. 60).

Divulgação e afeto fazem parte do tratamento que os correspondentes se dão na constituição de uma “rede de comunicação”, para usarmos aqui uma expressão bem em voga nos dias de hoje. Por meio das cartas e seus anexos, notadamente os livros enviados, os

correspondentes iam divulgado as suas obras em outros estados e cidades, alcançando, desse modo, leitores em outras praças do país. Estes envios de livros e pedidos de distribuição entre os leitores conhecidos de um dos correspondentes se multiplica ao longo da correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira. No período que analisamos, ou seja, de 1922 a 1930, Mário e Manuel atuam como divulgadores, um da obra do outro, nas duas mais importantes cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo.

À medida que a amizade e a intimidade entre eles vão-se estreitando, os pedidos de divulgação se ampliam. Quanto mais são amigos, mais divulgam a obra um do outro. É importante para o pesquisador buscar conhecer essa dimensão da troca epistolar entre autores, uma vez que isso permite enxergar a sua evolução. No caso de Mário e Bandeira, por exemplo, as cartas a princípio eram bastante formais, mas vão dando braços à amizade fraterna e à troca de confidências íntimas. Um bom modo de perceber essa evolução é conhecer a forma como se tratavam, o que veremos a seguir.

f) As formas de tratamento dos correspondentes

A princípio, o tratamento dos correspondentes é bem formal. Na primeira carta de Manuel para Mário, o colega paulista é chamado somente de “Mario de Andrade” e a carta é assinada com um “Manuel”. O tratamento é direto, simples e objetivo, o que se repete na resposta a essa primeira carta do poeta pernambucano. Somente na carta de outubro de 1922, Mário de Andrade diz “Querido Manuel” e Manuel permanece um tanto formal, chamando o seu correspondente de “Meu caro Mário”, em carta de 8 de outubro de 1922. E assim se mantém por muito tempo. Em carta de novembro de 1924, aparece uma novidade na forma de tratamento: um “Marioscumque”, que o professor Marcos Antônio de Moraes, explicou da seguinte forma:

“Cumque”, advérbio latino que se liga a pronomes relativos, podendo ser traduzidos por “em todos os casos”, “em qualquer circunstância”. “Marioscumque” trata-se possivelmente de forma lúdica para eliminar os preâmbulos epistolares com sentido próximo a “Mário, como quer que estejas”. Em outra perspectiva, esse neologismo e “Mariusque”, também usado nesta correspondência, podem ser apenas brincadeiras calcadas no Latim (MORAES, 2001, p. 153).

Em carta de 31 de maio de 1925 aparece um “Manuel dear”. Em um PS de missiva datada de 10 de outubro de 1925, Manuel Bandeira

diz: “Manuel dear é estupendo”. E em outra, datada de S. João de 1925, aparece um “Manelucho”.

Em carta de 4 de outubro de 1925 aparece: “Manuelucho dear”. Em 19 de agosto de 1925 aparece um “Mario trabalhador” e em carta do mesmo ano aparece um “Mário ocupadíssimo”. Em 9 de setembro de 1925, Manuel Bandeira assina-se como Maneco. E em 7 de outubro de 1925 apareceu, pela primeira vez, um Manu em carta de Mário de Andrade.

Em 18 de abril de 1925 apareceu “Manuel do coração”. Em carta de 27 de agosto de 1926 aparece um “Mano Manu”. Na primeira carta de 1927, Manuel Bandeira chama Mário de Andrade de Marião: “Bons anos, Marião”, que se repete na carta de 5 de março do mesmo ano.

O que queremos mostrar com isso é que a amizade entre os correspondentes foi evoluindo para a intimidade. O formalismo inicial foi sendo, aos poucos, quebrado. Essa intimidade pode ser também constatada no trato de alguns assuntos pessoais, como, por exemplo, as finanças, os amores e as doenças. Vejamos um exemplo em missiva de Mário de Andrade com data de 10 de outubro de 1926:

Manu,

estou escrevendo pra você e esta é a primeira carta de verdade que escrevo depois de creio que já um mês. Neste momento de agora estou me sentindo bem disposto porém por enquanto inda levo em geral uma vida sem vontade cheia de dores, de sustos e sobretudo de irritações. Tive péssima idéia de fazer a minha operação com injeção raquidiana e a diaba não é que me esculhambou duma vez com o sistema nervoso! Esculhambou! Passo as noites quase não dormindo nada e os dias inquietos cansado e sem possibilidade nenhuma pro menor trabalho intelectual. Dou umas aulas completamente bestas que é dinheiro roubado das alunas, porém careço refazer as minhas finanças completamente desnorteadas. Creio que sem menos de dois meses não reprincipio a vida financeira normal, uma merda! Quanto à vida de mim inteirinho, creio mesmo que só com as férias e uns quarenta dias de fazenda é que me retomarei inteiramente do deserto vizinho da morte em que vim parar. Afinal a minha operação não foi de morte, foram umas filhas-da... de hemorróidas que careci tirar da noite pro dia porque não agüentava mais viver sem gosto (MORAES, 2001, p. 313).

A evolução da amizade e da confiança mútua não significa que a amizade não seja, em alguns momentos, posta em dúvida. O pesquisador, assim como deve observar a materialidade das cartas, deve observar também a sentimentalidade que os seus autores registraram nelas. A carta é uma teia de elementos materiais e sentimentais a que devemos estar atentos, podendo utilizá-las como fonte de hipóteses, problematizações e teses. Acreditamos também que

é importante produzir um inventário dos sentimentos, relacionando-os com as variantes tempo e espaço, o que não significa somente tempo e espaço físico, mas, sobretudo, tempo e espaço como instâncias sociais.

Não deixam de estar registrados nas cartas as dores, os ódios, as incertezas, os sentimentos de inveja, de desprezo, etc. Não cabe, no entanto, uma abordagem judicativa do pesquisador ao se deparar com esses registros. Há sempre que se pensar e se buscar uma ética no tratamento da fonte, em especial no tratamento da carta como fonte. E pensar em ética e mais ainda em utilizá-la é sempre um desafio para o pesquisador, sobretudo se o seu conjunto epistolográfico envolve polêmicas pessoais ou sociais.

g) O pacto de privacidade dos correspondentes

As cartas estão submetidas a tratamento especial no que diz respeito ao seu acesso como fonte de pesquisa. Mesmo as de autores, foram escritas para circular em um sistema privado e íntimo relativo somente aos correspondentes. Trata-se do pacto de privacidade que deve ser mantido entre as partes envolvidas diretamente na carteação.

Tanto o pacto de privacidade como o direito à privacidade garantiram que nas cartas os escritores fizessem afirmações que jamais fariam em público. Por isso, a entrada de um terceiro, seja ele um pesquisador ou um leitor fora deste circuito íntimo, leva a carta para o espaço público, domínio no qual as intimidades serão expostas.

Ao dedicar-se à pesquisa com cartas, o pesquisador deve procurar informar-se das condições de acesso a elas, o que varia de instituto para instituto, de arquivo para arquivo onde as cartas estejam depositadas em um determinado fundo de escritor.

Há, sobretudo quando se trata de cartas depositadas em institutos ou arquivos públicos, uma batalha entre o direito à privacidade e o direito à informação. O direito à privacidade é guardado por lei, no entanto o fato de o Estado prover a guarda e a manutenção do acervo em boa condição de conservação causa estranhamento diante do fato de algumas famílias ou herdeiros de escritores manterem alguma ingerência sobre elas, impossibilitando que trechos de cartas sejam publicados e inviabilizando projetos de pesquisa e publicação de obras.

Esse é um tema bastante delicado que, pouco a pouco, vai sendo discutido por membros da comunidade acadêmica, sobretudo quando as cartas estão depositadas em universidades e demais instituições públicas.

Quando ainda estão nas mãos de seus proprietários originais, estes também podem, nas próprias cartas, queixar-se da quebra do pacto de privacidade. Foi o que constatamos em duas missivas no

conjunto da correspondência de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira.

A primeira ocorrência se deu em 3 de maio de 1926, de Mário para Manuel, em que lemos: “O que você não tem direito é de revelar estas coisas a ninguém nem às pessoas de que se trata” (apud MORAES, 2001, p. 291). A segunda, em uma de Manuel para Mário, resposta daquela, em que lemos: “Recebi a sua carta de 3, acerca da qual guardarei a inteira reserva que me pede” (id., p. 292).

h) A violação das cartas por terceiros

Além da quebra do pacto de privacidade entre os correspondentes, o pesquisador deve buscar saber se houve no conjunto de cartas pesquisado a violação por parte de terceiros. Essa violação pode ser motivo da escrita de uma carta ou tratada como um dos assuntos entre os carteadores, como observamos em missiva de Manuel Bandeira, datada de 12 de agosto de 1926:

Agora um pedacinho de história antiga. Lembra-se de uma carta que você me escreveu quando publiquei um artiguinho mexendo com vocês? Alegando desconhecer o meu endereço certo, você remeteu a carta por intermédio do Guilherme [de Almeida]. Este ao entregá-la declarou frisantemente não a ter lido, no que não acreditei e que não dei importância. Pois bem, anteontem encontrei uma pessoa a quem o Guilherme leu a carta! E a leitura não foi só para ele – foi para um grupo!! Sem comentário... (MORAES, 2001, p. 303-304).

A privacidade, ou a quebra da privacidade, bem como a violação da correspondência também fazem parte deste jogo de cartas que é a troca epistolar. São, enfim, elementos que sempre devem ser analisados e que devem colaborar na leitura de um conjunto epistolográfico. Até aqui, destacamos aqueles elementos materiais e sentimentais ligados à pesquisa a respeito das cartas que consideramos como importantes. A partir de agora, a leitura proposta segue outro viés, uma vez que lida com o texto, buscando, em sua construção, elementos que se ligam ao próprio fazer literário dos autores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que expusemos acima, os pesquisadores e, sobretudo, os futuros pesquisadores de cartas podem perceber a riqueza dos procedimentos arrolados e retirar desta leitura as suas próprias conclusões. Não queremos com estas considerações colocar um ponto

final no tratamento das cartas como fonte de pesquisa. Não temos dúvida da riqueza delas para os estudos literários e históricos, sobretudo se cruzadas com outras fontes, sejam elas referentes à memória individual ou do grupo a que pertenceram os escritores, ou ainda as fontes hemerográficas, imagéticas, etc.

A busca pela história individual dos correspondentes pode levar o pesquisador a cair no colecionismo de curiosidades, mas pode também levá-lo a pensar os correspondentes como sujeitos ligados à história intelectual, à história das ideias e a outra tantas faces que a história tem nos mostrado, sobretudo no seu caráter transdisciplinar e, no caso específico, no seu diálogo com a literatura. Assim, atuando de forma transdisciplinar, cremos que as cartas podem ser conhecidas em todas as suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie: chroniques*. Paris: Seuil, 1998.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. 2. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 2001.

_____. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: históricos e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*, Unesp, FCLAs, CEDAP, v. 4, n. 2, p. 1-14, jun. 2009.